



Critérios de Noticiabilidade e Seca no Nordeste: uma análise de conteúdo sobre os jornais Diário do Nordeste e Folha de S. Paulo¹

Antonio Pinheiro TORRES NETO²

José Anderson Freire SANDES³

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Este artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Seca do Nordeste nas Páginas dos Jornais Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste: um estudo sobre critérios de noticiabilidade”. A partir dessa pesquisa foi possível desenvolver uma análise de conteúdo onde buscamos compreender em quais momentos do ano de 2012 o tema seca no Nordeste foi mais publicizado, assim como quais critérios de noticiabilidade foram levados em consideração pelos periódicos supracitados ao transformarem este acontecimento em informação noticiosa. Aqui iremos debater e apresentar, apenas, os dados relativos à análise qualitativa, ou seja, abarcando a discussão sobre critérios de noticiabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Critérios de noticiabilidade; seca no Nordeste; Folha de S. Paulo; Diário do Nordeste.

1. INTRODUÇÃO

A todo instante uma infinidade de acontecimentos está se desdobrando pelos diferentes cantos do planeta. Desastres naturais, guerras civis, rituais religiosos, disputas políticas, etc. Não há, teoricamente, uma maneira de mensurar a quantidade de fatos sociais em ação neste momento. Porém, os veículos midiáticos chamam para si a responsabilidade de reportar tudo o que acontece no mundo, para aqueles que estejam interessados. O mito da onisciência e da onipresença pregado pela mídia transmite a ideia de que “se não saiu no jornal é porque não existiu”.

Fruto do trabalho de conclusão de curso da graduação em Jornalismo, o estudo que aqui apresentaremos vai na direção contrária à visão apresentada acima, pois partilha da noção de que nem todos os acontecimentos sociais são transformados em conteúdo

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014, em João Pessoa - PB.

² Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará. antoniopinheiro.cariri@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Jornalista, Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Professor do curso de Jornalismo da UFCA. josesandes@cariri.ufc.br



noticioso, e publicizados pela imprensa. Isso porque esses mesmos jornais (impressos, televisivos, radiofônicos, entre outros) processam uma seleção sobre quais fatos merecem ser destacados, e quais devem ser esquecidos, ou “inexistirem”, pelo menos na esfera midiática. Isso a partir da utilização dos chamados critérios de noticiabilidade.

Esses critérios são adotados como “ferramenta” de seleção pelos profissionais do jornalismo, e funcionam como balizadores de modo a dizer quais fatos são merecedores ou não de destaque. Assim, os acontecimentos precisam seguir determinadas normas/regras para obterem o status de informação noticiosa. Caso contrário, podem ser relegados ao esquecimento. A partir desta problemática, acreditamos ser válido questionarmos quais critérios de noticiabilidade foram levados em consideração pelos jornais Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste ao transformarem o acontecimento seca no Nordeste em notícia, durante o ano de 2012.

Apesar de serem partilhados pela comunidade jornalística, os critérios de noticiabilidade podem, teoricamente, ser encarados de forma diferente entre os jornais. Desse modo, é válido questionarmos, também, se há uma similaridade, ou não, de tais critérios adotados por um periódico impresso de âmbito regional, e outro de alcance nacional, ao tratarem do mesmo acontecimento. A partir de um estudo comparativo entre os jornais Folha de S. Paulo (São Paulo – SP) e Diário do Nordeste (Fortaleza – CE) é que pretendemos abordar essa discussão.

É válido destacarmos que o nosso foco aqui será a análise qualitativa, e para isso tínhamos uma hipótese a ser testada. A partir da “divisão” entre mídia nacional (Folha de S. Paulo) e mídia regional (Diário do Nordeste), supomos que ao abordarem o acontecimento seca no Nordeste, cada um dos jornais buscaria “enquadrar” o tema enquanto problemática dentro do seu campo de visão, a partir de sua vertente regionalizada ou nacionalizada. Ou seja, em uma mídia dita regional, como é o caso do Diário do Nordeste, a seca será tratada enquanto acontecimento/problemática do Ceará. Quando a discussão é mais ampla, muitas das vezes generalizada (Região Nordeste como um todo), o conteúdo produzido fica a cargo dos jornais de âmbito nacional (Folha de S. Paulo).

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO MIDIÁTICO



Antes de se tornar notícia nas páginas de determinado jornal e gerar sentido em meio aos indivíduos, o acontecimento percorre um longo e complexo caminho. É preciso abandonar a noção de que os veículos midiáticos seriam um espelho da realidade. É ilegítima a ideia de que os acontecimentos são repassados em seu estado bruto para a instância de recepção. Antes disso a imprensa lança um olhar sobre os fatos sociais, gerando uma significação a depender da forma como a própria mídia enquadra os enlances cotidianos.

Os media não relatam simplesmente e de forma transparente acontecimentos que são por si só “naturalmente” noticiáveis. “As notícias” são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas (HALL, 1993, p.224).

É necessário entendermos, então, que no processo de produção noticioso realizado pelos jornais existem categorias/normas sedimentadas e compartilhadas pelos membros da “tribo jornalística” (TRAQUINA, 2008), que vão dizer quais acontecimentos merecem ser noticiados. Isso porque ao serem reconhecidos socialmente enquanto “grupo profissional especializado”, os jornalistas afirmam saber o que outros não sabem, mais precisamente, o que venha a ser notícia e como produzi-las (TRAQUINA, 2008, p.20).

Teoricamente, não se trata de escolhas subjetivas por parte dos jornalistas, mas sim, escolhas orientadas através de critérios de noticiabilidade. Na definição de Nelson Traquina, trata-se do:

(...) conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia”. (TRAQUINA, 2008, p.63)

Um ponto importante a ser ressaltado é que quanto mais valor-notícia tiver o acontecimento, maior será a possibilidade de noticiá-lo. É possível afirmarmos, então, que para ser transformado em acontecimento noticioso, tanto na Folha de S. Paulo, quanto no Diário do Nordeste, a seca que atingiu o Nordeste brasileiro em 2012 “precisa” possuir/seguir certos critérios. É por meio destes critérios que, minimamente, os jornalistas põem ordem no mundo caótico onde uma infinidade de acontecimentos se sucede a todo o momento. “Sem uma certa rotina de que se possa valer para fazer frente aos acontecimentos imprevistos, as organizações jornalísticas, como empreendimentos racionais, faliriam” (TUCHMAN apud WOLF, 2008, p.196).



Além disso, para Hall (1993), os valores-notícia auxiliam na construção de uma sociedade “consensual”. Isso porque ao transformarem o mundo caótico dos acontecimentos em um mundo legível de notícias, os jornalistas identificam e contextualizam tais fatos a partir de um quadro de significados familiares ao público. Nesse sentido, os valores-notícia refletem esse “mapa de significados” sociais.

Desse modo, a construção das notícias, a partir dos critérios de noticiabilidade, exemplifica, em certa medida, consensos sociais como, por exemplo, o que venha a ser o “normal” e o “desvio”, ou o “legítimo” e o “ilegítimo”. Fica claro, então, que na lógica de produção noticiosa dos veículos de comunicação de massa, nem tudo que acontece no mundo vira informação no dia seguinte nas páginas dos jornais.

(...) não conquistando o estatuto público de notícia, permanece simplesmente um evento que se perde na “matéria-prima” que o aparato informativo não consegue transformar e que, portanto, não deverá fazer parte dos conhecimentos de mundo, adquiridos pelo público por meio da comunicação de massa (WOLF, 2008, p.196).

3. SECA: MITOS, CONTRADIÇÕES E SOFRIMENTO

Há tempos o tema da seca está presente entre nós, seja no sentido de proximidade geográfica com esta problemática, seja no discurso que aponta a mesma como a responsável pelo atraso econômico e social da região Nordeste. Podemos dizer que a sua caracterização pelos diversos segmentos da sociedade está ancorada em diferentes eixos de observação. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em sua dissertação de mestrado intitulada “Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)”, vai dizer que em meio à vasta bibliografia produzida sobre o tema da seca, ora ela é pensada:

(...) como um simples fenômeno climático, que estava na origem de todos os outros problemas do espaço em que ocorria, ora como um problema mais vasto, com implicações econômicas, políticas e sociais, ora como simples agravante dos problemas causados por uma estrutura sócio-econômica de exploração e de desigualdades sociais profundas. (ALBUQUERQUE JR., 1988, p.01)

Outras possibilidades de leitura sobre este fenômeno são apresentadas pelos pesquisadores Itamar de Souza e João Medeiros Filho (1983). Para estes seria possível inferir, pelo menos, quatro enfoques, sendo eles: o tradicionalista, o tecnicista, o ecológico e o sócio-político. No primeiro enquadramento, o homem atribuiria a vontade divina tanto as enchentes, quanto as secas. Tudo aconteceria porque Deus quer, sendo o



homem impotente para mudar o curso das coisas. Já o segundo enfoque vai dizer que o problema da seca no Nordeste se resume na irregularidade das chuvas e na falta d'água.

A terceira visão, costumeiramente empregada, procuraria a razão das estiagens na total devastação da flora nordestina. Por último, o enfoque sócio-político compreenderá o fenômeno enquanto fato social de múltiplas implicações. “(...) a seca torna mais grave uma situação de pobreza já existente, e que permanece oculta durante os anos de inverno regulares” (DE SOUZA e MEDEIROS FILHO, 1983, p.11-14). O importante ao encararmos esta problemática é não cairmos no reducionismo que ao tentar explicar determinados acontecimentos sociais acaba por encontrar justificativas vazias de sentido.

Além dessas perspectivas, a seca também é apontada como fator determinante para a demarcação de uma região do Brasil: o Nordeste. “O tema da seca foi, sem dúvida, o mais importante, por ter dado origem à própria ideia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno”. (ALBUQUERQUE JR., 2006, p.120). Os primeiros relatos sobre esta problemática datam de 1552, três anos após a chegada do primeiro-governador-geral, Tomé de Souza, ao recém-descoberto Brasil (VILLA, 2000, p.17).

Desde então, uma construção histórica realizada, em alguns casos, através da música, dos filmes, da mídia e da literatura fizeram com que o Nordeste, muitas vezes, fosse associado à ideia de seca - longe de formarem a imagem definitiva da região, porém, contribuindo para a construção do imaginário popular sobre este território. Além disso, tal região acabou se transformando, principalmente após a estiagem de 1877-1879 (na qual aproximadamente 5% da população brasileira morreram), em uma “região-problema” (VILLA, 2000, p.83).

Em 2012 e 2013, acompanhamos através do noticiário, ou por outros meios, uma nova estiagem assolar o Nordeste brasileiro. A mesma foi considerada pelos jornais (Folha de S. Paulo, Diário do Nordeste, Estado de S. Paulo, Jornal do Commercio) e pelos governantes estaduais e municipais (dentre outros segmentos da sociedade) como a pior a atingir a região nas últimas décadas. A título de exemplo podemos citar a situação dos Estados da Bahia e do Ceará. No primeiro, dos 417 municípios existentes, 258 haviam



decretado situação de emergência durante o ano 2012⁴. No segundo Estado citado, das 184 cidades cearenses, 178 (96%) decretaram situação de emergência devido aos efeitos da seca, segundo matéria publicada no jornal impresso Diário do Nordeste, no dia 22 de novembro de 2012.

Por meio de programas governamentais (Fome Zero, Garantia Safra, Bolsa Estiagem, Sede Zero), o poder público conseguiu minimizar os efeitos da seca. Porém, após séculos de repetição da problemática não foi criado para o Nordeste um plano que o faça passar de forma imune em meio a este fenômeno. Projetos como a transposição do Rio São Francisco, que teve suas obras iniciadas há cinco anos, com uma estimativa inicial de gasto de R\$ 4,7 bilhões (2007), agora R\$ 8,2 bilhões, ainda não foi concluído.

Mitos, contradições e sofrimento são alguns dos elementos ligados à seca do Nordeste. Entender como a mídia se posiciona frente a temáticas como esta é uma forma imprescindível de compreendermos como os jornais constroem um sentido social para fenômenos do cotidiano. “Como mediador-produtor de sentidos, o jornalista capta conceitos, emoções e comportamentos da sociedade – a realidade cultural imediata a que está exposto – e os representa na notícia, na reportagem ou em qualquer peça jornalística” (MEDINA apud KÜNSCH, 2000, p.98).

4. METODOLOGIA DE TRABALHO

Ao tomarmos como base a análise de conteúdo para o trabalho temos um intuito claro: tentarmos observar tendências na cobertura da seca nos jornais Folha de S. Paulo, e Diário do Nordeste. Como aponta Heloiza Herscovitz (2010):

(...) a análise de conteúdo revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística. Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. (HERSCOVITZ, 2010, p.123)

Desse modo, ao propormos um estudo comparativo compreendemos que a análise de conteúdo possa nos auxiliar na tarefa de buscarmos responder o questionamento desta pesquisa. Como dito anteriormente, pretendemos observar quais critérios de noticiabilidade foram levados em consideração pelos jornais Folha de S. Paulo e Diário

⁴ Dados obtidos através da Defesa Civil do Estado da Bahia, disponíveis em www.defesacivil.ba.gov.br



do Nordeste ao transformarem o acontecimento seca no Nordeste em notícia ou reportagem.

É válido dizermos, novamente, que este artigo é fruto do trabalho de conclusão de curso intitulado “A Seca do Nordeste nas Páginas dos Jornais Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste: um estudo sobre critérios de noticiabilidade”. Aqui apresentaremos apenas uma parte da discussão, focada na análise qualitativa. Para chegarmos a essa dimensão, partimos de dados contabilizados ao longo dos 12 meses do ano de 2012. Porém, analisaremos apenas o mês em que as notícias ou reportagens sobre a seca no Nordeste tenham sido mais publicizadas, tanto pelo periódico nordestino, como pelo paulista.

Faremos a leitura das matérias tomando como base para a análise os critérios de noticiabilidade estabelecidos pelo pesquisador Nelson Traquina (2008). A partir das categorias definidas por ele é que buscaremos responder quais fatores foram levados em consideração por cada um dos jornais. Para Traquina (2008), os critérios de noticiabilidade estão divididos em duas categorias: valores-notícia de seleção (sendo estes subdivididos em critérios substantivos e critérios contextuais), e valores-notícia de construção.

No caso desse estudo, temos como foco apenas os critérios substantivos, ligados aos valores-notícia de seleção. Isso porque são eles que estão diretamente relacionados à avaliação do acontecimento em termos de sua importância enquanto potencial notícia. Os critérios contextuais remetem, como o próprio nome sugere, ao contexto de produção da notícia dentro do ambiente redacional. Ou seja, a disponibilidade do jornal de enviar um repórter até o local do acontecimento; a existência de boas imagens para a matéria (visualidade), entre outros. Para que fizéssemos inferências sobre esta dimensão, precisaríamos acompanhar o dia-a-dia das redações dos jornais, sendo essa atividade inviável nesse momento.

Já os valores-notícia de construção funcionam como linhas-guia para a apresentação do material reportado, observando o que deve ser realçado, ou o que deve ser omitido, qual informação é prioritária na estruturação do texto, etc.. Como nosso objetivo é compreendermos os critérios de seleção substantivos, a partir da categorização proposta por Traquina (2008), iremos apresentá-los de modo mais preciso.



5. ANÁLISE QUALITATIVA: CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NA FOLHA DE S. PAULO

Como foi explicado no tópico sobre os procedimentos metodológicos, a análise qualitativa desse estudo focará apenas o mês em que o acontecimento seca no Nordeste foi mais constante tanto na Folha de S. Paulo, como no Diário do Nordeste. No caso do primeiro jornal, observamos que o mês de abril foi o período em que o acontecimento aqui tratado foi mais recorrente. No total, 11 matérias foram publicadas, sendo elas:

“Há 50 anos: EUA emprestam US\$131 milhões para combater seca no Nordeste” (13 de Abril); “Dilma vai ao Nordeste discutir plano emergencial contra a seca” (20 de Abril); “Seca deixa 261 cidades em estado de emergência” (21 de Abril); “Seca avança em áreas urbanas do Nordeste” (23 de Abril); “CGU apontou desvios em órgão que combate seca” (24 de Abril); “Contra seca, Dilma cria Bolsa Estiagem” (24 de Abril); “Preço de alimentos dispara em locais atingidos pela seca” (25 de Abril); “Boletim do Inpe não previu seca intensa na região Nordeste do país” (26 de Abril); “Sertanejo tem máquina de lavar, só que falta água” (29 de Abril); “TV Folha” mostra revelações exclusivas do caso Cachoeira” (29 de Abril).

Em relação aos critérios de noticiabilidade adotados pela Folha de S. Paulo, é perceptível que em praticamente todas as matérias há mais de um valor-notícia em evidência, atuando de modo complementar. Entre os critérios mais constantes nas matérias publicadas pelo jornal paulista estão: notoriedade, relevância e notabilidade. Vejamos exemplos. Na notícia “Contra seca, Dilma cria Bolsa Estiagem” (24/04/2012), o pronunciamento de fontes oficiais, de importância como é o caso da presidente do Brasil, e do Ministério da Integração Nacional (enquanto instituição) fazem de suas falas um acontecimento:

A presidente Dilma Rousseff anunciou ontem, em Aracajú, a liberação de R\$ 2,723 bilhões para a criação da bolsa estiagem para combater os efeitos da seca no Nordeste e no Norte de Minas Gerais. [...] Segundo o Ministério da Integração Nacional, há casos, como o do RN, em que 2,93 milhões de pessoas são afetadas – 93% da população. (FOLHA DE S. PAULO, 24/04/2012).

Há ainda na notícia o valor de relevância, pois a informação ali exposta interessa diretamente ao povo nordestino atingido pela seca, que será beneficiado com auxílio federal. Outro exemplo de matéria em que os critérios de notoriedade e relevância estão presentes é “Dilma vai ao Nordeste discutir plano emergencial contra a seca”, publicada



em 20 de Abril. Novamente, o pronunciamento de fontes oficiais - neste caso a fala do governador de Pernambuco, Eduardo Campos -, e a informação central de que Dilma iria à região Nordeste, ressaltam a notoriedade dos envolvidos no acontecimento.

A presidente Dilma Rousseff vai se reunir na próxima segunda-feira, em Sergipe, com ministros e governadores do Nordeste para elaborar um plano emergencial de socorro às vítimas da seca que atinge a região. [...] O governador pernambucano defende a união de ações emergenciais – como o desenvolvimento de programas de qualificação profissional – e a construção de mais cisternas e barragens. (FOLHA DE S. PAULO, 20/04/2012).

É perceptível que o fato da notoriedade dos envolvidos nos acontecimentos diários ser levado em consideração pelos jornais pode provocar aquilo que se convencionou a chamar de institucionalização das fontes noticiosas. Nesse sentido, alguns agentes sociais têm acesso quase que automático aos veículos de comunicação, de modo a transmitirem a mensagem que desejam (ALSINA, 2009, p.172), enquanto outros encontram diversas barreiras. Vejamos o seguinte fato: em 2012, a Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) lançou a campanha “Não troque seu voto por água!”.

Como se sabe, a ASA é uma organização que desenvolve políticas de convivência com o Semiárido Brasileiro, tendo como lema o desenvolvimento sustentável, e a convivência com a região semiárida. A campanha proposta pela instituição estava diretamente ligada ao acontecimento seca no Nordeste, pois alertava para o fato de que muitas figuras políticas se aproveitam da situação de flagelo comum nas épocas de estiagem para trocar água por voto. Porém, em nenhum momento a Folha de S. Paulo publicou ou citou em suas matérias tal movimento. Esse exemplo reflete de forma clara a noção que foi construída ao longo dos anos pela máquina midiática sobre a ideia de notoriedade dos envolvidos e das fontes.

Outro critério recorrente nas matérias da Folha foi o da notabilidade. Como nos fala Traquina (2008), esse valor-notícia tem mais de uma faceta, de modo que pode ser compreendido como a quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento, a inversão dos valores, como também o excesso ou a escassez de algo. De um modo geral, a notabilidade dos acontecimentos está na qualidade de ser tangível, palpável, factível. “O ritmo do trabalho jornalístico exige a ênfase sobre os acontecimentos e não sobre as problemáticas” (TRAQUINA, 2008, p.82-83).

Nesse sentido, para os veículos midiáticos, o importante seria focar nos problemas concretos, e não nos dilemas subjetivos que os cidadãos vivem. O que importa é a



informação sobre o carro que foi incendiado por manifestantes, e não a ideologia e as causas que esse manifestante defende. A matéria “Preço dos Alimentos dispara em locais atingidos pela seca”, publicada pela Folha de S. Paulo no dia 25 de abril, nos serve de exemplo.

(...) Na zona urbana, os moradores enfrentam problemas indiretos da falta de chuva, como inflação, queda de movimento no comércio e aumento da inadimplência. [...] Um exemplo dos efeitos da seca é a disparada do preços dos alimentos. [...] Moradora da zona urbana de Poço Redondo, a comerciante Maria Dantas sente a queda nas vendas em sua farmácia e o aumento da inadimplência, que chega a 60%. (FOLHA DE S. PAULO, 25/04/2012).

A inadimplência, o aumento do preço dos alimentos, a retração do comércio são todos problemas palpáveis, concretos, fáceis de serem identificados e listados no conteúdo publicizado, fazendo com que o jornalista ganhe tempo frente ao seu *dead line*. Temos outro exemplo. Na reportagem intitulada “Seca avança em áreas urbanas do Nordeste”, mais situações factíveis são listadas.

A seca que castiga a zona rural do Nordeste avança sobre áreas urbanas, provocando colapso no fornecimento de água em povoados e cidades como Caetés (...). A água sai das torneiras uma vez por mês e, ainda assim, não dura mais que poucas horas. (...) Na periferia, a água escura e salobra de uma cacimba (reservatório) é recolhida e vendida a R\$ 5 o galão de 250 litros. (FOLHA DE S. PAULO, 23/04/2012).

Para encerramos a análise qualitativa das matérias publicadas pela Folha de S. Paulo, vejamos um tipo de notícia que foi recorrente não só no mês de abril, mas ao longo de todo o ano de 2012. Na coluna intitulada “Há 50 anos”, o periódico paulista costuma publicar informação noticiosa sobre fatos que aconteceram no mesmo dia há exatamente 50 anos atrás. Esse tipo de prática, ancorada no critério de noticiabilidade de tempo, é definido por Traquina (2008) como *news peg*. “(...) o próprio tempo (data específica) pode servir como um “*news peg*” e justificar a noticiabilidade de um acontecimento que já teve lugar no passado, mas nesse mesmo dia” (TRAQUINA, 2008, p.81). Assim, a Folha publicou a matéria “EUA emprestam US\$ 131 milhões para combater seca no Nordeste”, originalmente publicizada pelo jornal no dia 13 de abril de 1962. Nem só de atualidades vive o jornalismo.

6. OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE DO DIÁRIO DO NORDESTE

No caso do jornal cearense Diário do Nordeste, é bastante perceptível como as fontes oficiais, carregadas de notoriedade pública, se destacam em meio ao conteúdo informativo publicado pelo periódico. Das 48 matérias veiculadas no mês de maio



(período em que a estiagem no Nordeste foi mais presente nas páginas do Diário), 17 notícias estão pautadas pelo critério da notoriedade dos envolvidos no acontecimento. Vejamos alguns exemplos:

“Cid propõe meios de combate à seca” (09 de maio); “AL quer ação para reduzir os efeitos da seca no Ceará” (11 de maio); “Senador quer discutir ações a produtores do semiárido” (14 de maio); “Deputado pede agilidade em obra” (16 de maio); “BNDES vai liberar R\$ 50 mi ao NE” (18 de maio); “Cid rebate críticas sobre ações à seca” (18 de maio); “Cirilo quer grupo para cobrar ações” (24 de maio); “Bancada cobra ações contra a seca” (31 de maio).

Esses são exemplos onde a notoriedade das fontes estão expostas no próprio título das matérias. Porém, há outros casos em que o discurso oficial é apresentado em meio à informação noticiosa que relata, por exemplo, sobre a reavaliação da dívida agrícola. Logicamente, este não foi o único critério de noticiabilidade adotado pelo Diário do Nordeste. Outro valor-notícia muito presente foi o da notabilidade, que, como explicitado anteriormente, tem a ver com os aspectos visíveis, tangíveis relacionados aos acontecimentos.

Assim como no caso da Folha de S. Paulo, o jornal cearense se valeu dos aspectos manifestos para tratar do tema da seca. Na notícia “Manifestação mobiliza 10 mil agricultores no Cariri”, publicada em 02 de maio, ressalta-se a quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento. “(...) os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas e quanto mais elevado for o número de pessoas envolvidas num desastre ou quanto mais elevada for a presença de “grandes nomes”, maior é a notabilidade desses acontecimentos” (TRAQUINA, 2008, p.83).

Neste caso, não se trata de um desastre, mas sim de uma manifestação. É curioso, porém, como a matéria não se restringiu a tratar apenas do aspecto que estava em destaque naquele momento, ou seja, a passeata de agricultores reclamando devido à falta de chuvas e a perda da lavoura. Em um dos trechos, um dos entrevistados (a agente da Pastoral da Terra, da Igreja Católica, Simone Machado Leite), falou sobre os aspectos que muitas vezes são silenciados, como a existência da “indústria da seca”.

Como neste ano teremos eleições, com as dificuldades geradas pela falta de chuvas, alguns políticos podem se aproveitar para comprar votos. Muitas vezes, os agricultores ficam sem opções e acabam aceitando o que lhes é



oferecido. Estamos vivenciando a fase da indústria da seca. Infelizmente, as consequências só aparecem depois (DIÁRIO DO NORDESTE, 02/05/2012).

Desse modo, há exceções em relação ao enunciado do Traquina (2008), quando ele defende que o jornalista, devido ao seu ritmo de trabalho, seria mais enfático sobre os acontecimentos, e não nas problemáticas. Notoriamente há o outro lado da moeda, em que os números e as estatísticas são postos em primeiro plano, como na notícia “Ceará já perdeu R\$ 1,51 bi do valor da produção agrícola”, veiculada no dia 21 de maio.

As consequências das irregularidades de chuvas, neste ano, no Ceará, já são bem evidentes sobre a agricultura, acarretando perdas em várias culturas. Segundo cálculo da assessoria de Gestão Estratégica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) divulgado na última quinta-feira, relativo a abril, o Valor Bruto da Produção (VPB) (...) está estimado em R\$ 1,51 bilhão, cifra em torno de 29% abaixo da registrada para a safra de 2011, apurada em R\$ 2,12 bilhões. (DIÁRIO DO NORDESTE, 21/05/2012).

6.1 A proximidade geográfica como critério de noticiabilidade

Sem sombra de dúvida, o fato de o Diário do Nordeste estar situado geograficamente próximo aos acontecimentos ligados à seca no Ceará, e no Nordeste do Brasil, teve forte impacto na maneira como este fato social foi trabalhado pelo periódico. Em muitas das vezes quando reportava a este acontecimento, o direcionava para o seu campo de visão, digamos assim. Um jornal que tem sua abrangência, principalmente no Estado Ceará, fala para o público dessa região. Assim vemos matérias como:

“Ceará tem R\$ 426,5 milhões para ações contra a seca” (05 de maio); “Agricultores ocupam sede de Crateús” (05 de maio); “99 municípios do Ceará estão em situação grave” (08 de maio); “Carros-pipa abastecem 80 Municípios do Interior do CE” (19 de maio); “CE receberá R\$ 10 milhões” (25 de maio); “91% do território do CE sofrem com a estiagem” (29 de maio).

Diferentemente da Folha de S. Paulo, que em suas abordagens situava a seca no Nordeste, o Diário relata este fato, na maioria das vezes, em meio ao seu recorte geográfico regionalizado, ou seja, no Ceará. Vamos comparar trechos de diferentes matérias publicadas por estes jornais de modo a ficar mais clara a diferença. Primeiro uma notícia da Folha, intitulada “Contra seca, Dilma cria Bolsa Estiagem”, do dia 24 de abril.

A presidente Dilma Rousseff anunciou ontem, em Aracaju, a liberação de R\$ 2,723 bilhões e a criação da Bolsa Estiagem para combater os efeitos da seca no Nordeste e no norte de Minas Gerais. [...] A seca vem se agravando desde outubro de 2011 e já afeta 26 milhões de pessoas de oito Estados do Nordeste



-48% da população total da região. Em 506 municípios não chove há mais de 75 dias. (DIÁRIO DO NORDESTE, 24/04/2012).

Agora vejamos a notícia “Produtores pedem urgência na liberação de recursos”, veiculada pelo Diário do Nordeste, no dia 16 de maio.

Os efeitos da seca estão afetando ainda mais os nervos dos agricultores no Interior do Ceará. Um mês após a ocupação da Prefeitura de Quixeramobim em busca de alimentos, eles saíram novamente em marcha pelas ruas desta cidade, reivindicando agilidade na liberação do custeio agropecuário emergencial da seca. Dessa vez resolveram acampar do outro lado da Praça Capitão Dias Ferreira, em frente à agência do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). (DIÁRIO DO NORDESTE, 16/05/2012).

A impressão que se tem é de uma Folha de S. Paulo cobrindo os acontecimentos de longe, pautada através das falas proferidas pela Presidente Dilma Rousseff; e um Diário do Nordeste próximo aos fatos, acompanhando de perto o desenrolar dos fatos. Enquanto o primeiro jornal fala na região Nordeste com 26 milhões de pessoas afetadas pela seca que atinge oito Estados da região; o segundo relata a marcha feita por agricultores de uma cidade do interior do Ceará.

Um fato, porém, chama a atenção. Nos momentos em que o Diário do Nordeste precisa apresentar o quadro situacional da estiagem no Nordeste, e não apenas no Ceará, recorre a matérias publicadas em sua editoria Nacional, pautadas em material informativo publicado por veículos de nível nacional, como a Agência Brasil, da EBC. Um exemplo é a matéria “Bahia: seca pode causar perdas”, publicada em 19 de maio. Um dia antes, a Agência Brasil havia exposto a notícia “Seca em cidades baianas pode causar perdas até 40% na agricultura e pecuária, estima entidade”, e que foi publicado quase que na íntegra, pelo impresso cearense.

É como se apesar do Diário estar situado na região Nordeste, quando precisa reportar acontecimentos dos outros estados que compõe a região, ao invés de se deslocar até o interior da Bahia, ou do Piauí, necessita-se, na realidade, do conteúdo produzido pelas agências. Para Charaudeau (2012):

O afastamento espacial do acontecimento obriga a instância midiática a se dotar de meios para descobri-lo e alcançá-lo. Ela o faz utilizando as indústrias de serviços de informação (agências), mantendo pelo mundo uma rede de colaboradores (correspondentes), solicitando informações da parte de diversas instituições ou de grupos sociais (fontes oficiais e oficiosas), apelando para todo tipo de testemunha (CHARAUDEAU, 2012, p. 135).

Nesse sentido, percebe-se que a mídia regional possui certas restrições, mesmo quando está próxima do acontecimento, podendo ser esta de caráter econômico, por exemplo. É



possível, aliás, observar duas vertentes (uma regionalizada, e outra nacionalizada) na cobertura feita pelo Diário do Nordeste. É o caso das matérias “91% do território do CE sofrem com a estiagem”, publicada no dia 29 de maio (editoria de Cidade); e “Prejuízo com seca no NE pode superar R\$ 12 bilhões”, do dia 24 de maio (editoria Nacional). Vamos citar, respectivamente, trechos iniciais das notícias:

Em busca de soluções urgentes, o governador Cid Gomes assinou, ontem, um decreto que reconhece a situação de emergência em 168 municípios cearenses. Dessa forma, 91% do território do Estado foi considerado comprometido pela estiagem. No entanto, a burocracia tem sido uma grande inimiga das vítimas da seca no Ceará, atrasando a distribuição de recursos do Governo Federal. (DIÁRIO DO NORDESTE, 29/05/2012).

O ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra Coelho, estimou que os prejuízos para a agropecuária do Nordeste com a seca que afeta a região podem superar os R\$ 12 bilhões. Ele afirmou que o governo federal tem tomado medidas para tentar minimizar as dificuldades enfrentadas. (DIÁRIO DO NORDESTE, 24/05/2012).

Não se trata, apenas, da utilização dos termos seca no Nordeste, ao invés de seca no Ceará, mas sim da forma como o acontecimento é contextualizado. Enquanto no primeiro enunciado o que está em destaque é a figura do Governador do Ceará (Cid Gomes – PSB) frente aos decretos de emergência assinados para os municípios cearenses; no segundo, é a fala do Ministro da Integração Nacional (Fernando Bezerra Coelho) frente aos prejuízos enfrentados pelo Nordeste com a perda da safra e do gado. Desse modo, fica evidente que o dentro do próprio veículo de comunicação considerado regional, há espaço para uma cobertura que se pauta em características adotadas pela mídia de âmbito regional.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi possível constatar que por mais que os veículos de comunicação façam a cobertura de um mesmo acontecimento, no mesmo período de tempo, as formas de apresentar este conteúdo são distintas. Quanto aos critérios de noticiabilidade adotados pelos jornais, concluímos que três deles foram constantes e determinantes na cobertura destes periódicos para “dizer” em que momentos a seca no Nordeste deveria ser publicizada. Foi o caso dos critérios da **notoriedade**, **relevância** e **notabilidade** (Folha de S. Paulo); e **proximidade**, **notoriedade** e **notabilidade** (Diário do Nordeste).



Vale lembrar que esse quadro se caracteriza dentro da perspectiva que adotamos, ou seja, os elementos que estavam explícitos no conteúdo informativo dos periódicos citados. Isso porque outros critérios (de ordem contextual, referentes ao ambiente da própria redação dos jornais) podem, também, ter atuado em conjunto com estes.

Sabemos das restrições desse estudo, assim como da impossibilidade de encontrar todas as respostas para explicar o funcionamento da máquina midiática. Os dados que apresentamos por meio desta pesquisa representam alguns enlaces de uma complexa trama do campo jornalístico. Esse estudo não expõe uma verdade incontestável, mas sim um olhar particular sobre dado fenômeno, a partir de recortes temporais, teóricos e metodológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877-1922)**. Campinas, 1988. 416 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

HALL, Stuart. **A produção social das notícias** in TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa, Veja, 1993.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo** in LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KÜNSCH, Dimas Antônio. **Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística**. São Paulo: Annablume, 2000.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOUZA, Itamar de; MEDEIROS FILHO, João. **Os degredados filhos da seca: uma análise sócio-política das secas do Nordeste**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.

_____. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. II. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.